

# O FENÓMENO AMOR

**The love phenomenon**

**Raúl Guimarães Lopes\***

*Ensaio dedicado a Sofia Pires  
pela sua revelação  
nas Conversas Existenciais*

\* Médico Psiquiatra. Doutor em Medicina pela Universidade de Heidelberg. Introdutor e divulgador dos Grupos Balint na Zona Norte depois de formação na Alemanha. Psicoterapeuta Existencial e Professor.

Entendamos o termo *fenómeno*. No uso corrente é algo inusitado, raro, insólito. Nada mais divergente do vulgar conceito de *amor*. Em nós, tão natural, usual, comum — tido como atração, afeiçoamento, inclinação. Neste âmbito é imanente, sensível. Só pode conceder momentânea “paixão”. Iremos, contudo, falar de outro Amor, só encontrado nas esferas superiores da Existência. E conhecer a essência do Fenómeno Amor.

Há quatro modos, segundo os gregos, de estar-com no Amor:

- *Filia*: atração de homólogos. Refere-se à espécie com o sentido de *humanitas*, amor pelo humano. Filáucia diz-se de quem *gosta de si* (*philia* + *autos*).
- *Storge*: amor familiar.
- *Eros*: a criatividade do amor. No início era força cósmica. Procura o valor. Para Platão (in *Simpósio*) a Medicina “era a ciência do Eros aplicada aos corpos”. Deu o belo mito “Eros e a Psique”. Ortega y Gasset<sup>1</sup> falava do “*eros pedagogicus*”. *Eros*, mais tarde, degenerou como “*amor erótico*”, amor-imediatos.
- *Ágape*: Amor-permanência. Perene no atuar. Anula qualquer discriminação dentro do domínio humano. Procura o Bem. No capítulo da Esfera Religiosa do Amor vamos ler um poema a ele dedicado.

Todo o humano sem *pathos* (paixão, padecimento) é medíocre. O *pathos* eleva. Mas, estar-apaixonado, no mundo perceptível é efêmero — como qualquer entusiasmo vindo dum amor-imediatos. Pode degradar-se em incorreções e na enfermidade do não-amar.

---

<sup>1</sup> Filósofo espanhol, introdutor do termo “empatia” para traduzir a alemã “*Einfühlung*”.

“O amor- imediato pode mudar-se nele próprio e transformar-se em ódio, em ciúme, em hábito, em dependência, em desespero. O amor- imediato poderia parecer mais forte mas, simultaneamente, pode duas coisas, pode amar e odiar<sup>2</sup>.”<sup>3</sup>

## Esfera Sensível do Amor- Imediato

Na Clínica encontramos formas envilecidas desta mundana forma de estar- apaixonado pelo amor- imediato. Os antigos falavam com base na Moral<sup>4</sup>: devassidão, perversidade, concupiscência, intemperança, desregramento, licenciosidade, sensorialidade, sensualidade.

Para a atual Psicopatologia Fenomenológica há dois conjuntos de “paixões” intensas e mórbidas:

I — Ciúme e Donjuanismo.

II — Erotomania e Reivindicação ressentida.

Nestas “paixões” há sempre uma ideia prevalente, seguida por diferentes formas de molesta importunação. Vamos estudar a pessoa, na perspectiva existencial, dentro de cada categoria nosográfica.

## Ciúme

O ciumento não ama. Procura a *posse* do elegido no amor- imediato e mantê-la. Foi breve a “paixão”, de combustão lenta e trágica. Passou de curta felicidade a *tormento*<sup>5</sup> — tendo a intuição de não ser o seu Bem nem do Outro. A desconfiança leva a crer o mal.

---

2 Notar a copulativa “e”. Não é a elevada disjuntiva “ou..., ou...”. É ambivalência podendo tornar-se patológica.

<sup>3</sup> Kierkegaard, OC, 1847, XIV p.32, 33. (OC é referido a “«Euvres Complètes, Editions de L’Orante, Paris»).

<sup>4</sup> Moral é social, Ético é pessoal.

<sup>5</sup> Leia-se a 4.<sup>a</sup> Noxa de Psicologias Existencial: O Tormento e a angústia perante o Bem.

O ciumento sente a sua posse ameaçada e a ameaça vem de fora. Foi introduzido um outro "eu" para justificar a contínua atitude de ofensivo ataque ou ativa vigilância. Sendo aí perseverante. Contrata espias.

Fica edificada a *forma triangular* do ciúme. "*Esprit géométrique*" — diria Pascal. A finalidade é zelar por "algo" ter sido seu. A pessoa com quem convive é degradada a coisa, a objeto. Continuamente dominado, atormentado, pelo ciúme, mata e mata-se.

O ciumento sofre da doença do zelo. Pelo trágico da sua "paixão" a recuperação reside no *arrependimento*.

## Donjuanismo

Nas antípodas do ciúme está o donjuanismo. Aqui não há posse e, logo, não há zelo. Há *volúpia* em seduzir, junta a insensibilidade ao humano. E, logo, com ausência da constância no *estar-com*.

Convém ouvir a ópera *Don Giovanni* de Mozart para se sentir nos estádios do *Eros* musical. A procura é, tão só, do amor-imediate, seguido de desquite por abandono e de punição.

O sedutor intui a *feminilidade* como a beleza da mulher. E continua, sem replicação reflexiva, até ao imaginário do sensual. Enfim, seduz pelo poder demoníaco<sup>6</sup> da sensualidade<sup>7</sup>. Depois abandona a padecente. E, imediatamente, procura outra.

Leporello, o criado de Don Giovanni, anotava todas as conquistas do amo num livro: "Em Itália 640, na Alemanha 231, em França 100, na Turquia 91. Em Espanha já vai em 1003". No mito, Don Giovanni era conquistador inveterado.

É inconstante o donjuanismo — tudo é efeito de imediata lasciva, ausente de réplica na reflexão do dano.

---

<sup>6</sup> Atormentado.

<sup>7</sup> Kierkegaard, OC III, p.98.

## **Erotomania**

É o delírio de amor.

Uma crença, não uma ideia. Daí a continuidade. Crê-se amado por alguém notável. Declara-se detentor do coração do amado ou amada. Mas, por mil vezes, não é aceite e até repudiado.

Depois da fase de esperança passa à do melindroso despeito, seguida de rancor. Nesta, ataca quem diz amar. Ataca por todos os meios. Verbais, até com termos impróprios, publicitários por meios eletrônicos, físicos, judiciais. Não faltando as cartas para os superiores no trabalho.

O erotomaniaco não ama, odeia. É o paradigma da ligação, gravemente patológica, dos contrários amar/odiar.

Muitas vezes só o internamento psiquiátrico pode pôr um interregno nos ataques e permitir o tratamento.

## **Reivindicação ressentida<sup>8</sup>**

O Reivindicador ressentido é o imaginário de poder.

Todos os dias o vemos de cartazes na mão. Nas notícias, lemos os seus massacres em escolas.

Remói no pensamento e, quanto mais, mais perde a empatia e aumenta o ressentimento. Ao pretender nivelar direitos, rebaixando-os, torna-se perigoso

O reivindicador ressentido queixa-se constantemente. Depois de esgotar o uso da verbosidade e de missivas para fazer valer os “seus” direitos apresenta queixas à polícia e contrata advogados para dar seguimento em tribunal. Se uma reivindicação é satisfeita, logo procura outra. Se não é “justiçado” procura, ele próprio, justiça. Torna-se violento pelo ressentimento.

Há vários tipos de reivindicador ressentido:

---

<sup>8</sup> Leia-se a 2.<sup>a</sup> Noxa de Psicologias Existencial: O Ressentimento e o Nivelamento.

— *O querelante processivo*. Arruína-se para satisfazer a “injustiça”. Esta pode ser uma promessa não cumprida, um compromisso de namoro, um dano conjeturado, uma perda nos negócios imputada a terceira pessoa, uma espoliação indevida, uma causa perdida.

É comum na cultura americana, com base na promessa, infintos processos judiciais, em que advogados e juízes, para o querelante, estão conluídos.

— *O inventor*. Descobre fórmulas e meios “necessários” à remodelação da sociedade. Se é ignorado ou menosprezado reivindica a sua importância e persegue.

— *O idealista apaixonado*. Orienta-se para a filantropia, a paz universal, o “templo do amor”, a reforma social. Quando o seu “amor” ao Bem não é compreendido provoca e agride com severidade. Estranha dialética esta de agredir pelo Bem.

O idealista apaixonado é pseudoaltruísta por fora, mas fero extremista por dentro.

## Esfera Ética do Amor-Dever

O nosso percurso de estudantes baseou-se em ciências quantitativas. O *número* é a excelência do nivelamento. Nele o sentimento não é miscível. Fica de fora, pois é qualidade pessoal. O interesse está tão-só na cifra.

A *Fenomenologia*, como *ciência do qualitativo*, estuda outras formas de Amor. Perante as variedades possíveis do mesmo fenómeno, procura o invariante. Ou seja, a sua essência.

Procuremos a semântica de *fenómeno* para bem entendermos a relação com *amor*.

Convém ir ao étimo de qualquer palavra para a apreender. Aqui, o étimo grego é — “*phaí*”. Encontramos nele três ideias constitutivas.

1. Ideia de Abertura (estão ligadas a este étimo: *fenda*, *fresta*, o termo francês “*fenêtre*”).
2. Ideia de Luminosidade (étimo ligado a *faísca*, *faúlha*, *farol*).

### 3. Ideia de Apresentação (com em *fenótipo, fase, hierofania*).

Nas esferas superiores da Existência o Amor é *dever*. O “*tu deves*” libera o Amor e dá-lhe independência. Aplica-se a descobrir qualidades e talentos. Torna-se valor.

Vamos considerar a constituição do *Amor-dever*.

Pela *abertura*, tudo no âmbito do Amor fica, por si, *iluminado* tornando-se *perene presença*.

O *tempo, o espaço, o outro* no *Instante*<sup>9</sup> existencial de *renovação* adquirem, pelo inovado Amor, a qualidade de *permanecer*. Pois, nesse Instante vivencial o eterno perpassa pelo “tempo movedição” e torna-se *coetânea temporalidade*; o “espaço tridimensional” adquire a qualidade *sempre manifesta* da *espacialidade*; o “outro” passa de ele a *Tu*. Tornam-se constituintes do Nós, melhor, do *Uno* “*EuTu*”.

Pelo espírito do Amor, nada os pode separar. O poder do esquecimento cessou.

*Amar reavivado* imortaliza a *proximidade* (temporalidade), está *constantemente patente* (espacialidade), *valoriza* na perfeição a pessoa amada (outridade) dentro do puro *Uno*. É o vero enlace.

Dizia Kierkegaard: “A tarefa do Amor, a sua exigência (dever), é *renunciar a si*, despojando-se do amor de si, característica do amor carnal.<sup>10</sup>”

### **Esfera Religiosa do Amor-Ágape**

O Amor-Ágape é incondicional e incondicionado. Em síntese: Amor a Deus, ao próximo como a Si-próprio<sup>11</sup> (*filância*), aos inimigos.

O mais belo poema conhecido ao Amor foi escrito por S. Paulo<sup>12</sup>.

“*Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos,*

<sup>9</sup> Considera-se *Instante* a entrada do eterno no tempo. É um “pisar de olhos”. Logo a seguir tudo é diferente.

<sup>10</sup> Kierkegaard, OC XIV, 1847, p.7.

<sup>11</sup> Mateus 22:37-39; 5:43-44.

<sup>12</sup> I Coríntios 13:1-8.

*e não tivesse Amor,  
seria como o metal que soa ou como o sino que tine.*

*E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes,  
e não tivesse Amor,  
nada seria.*

*E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado,  
e não tivesse Amor,  
nada disso me aproveitaria.*

*O Amor é sofredor,  
É benigno;  
O Amor não é invejoso;  
O Amor não trata com leviandade,  
Não se ensoberbece.  
Não se porta com indecência,  
Não busca os seus interesses,  
Não se irrita, não suspeita mal.  
Não folga com a injustiça,  
Mas folga com a verdade.*

*Tudo sofre,  
Tudo crê,  
Tudo espera,  
Tudo suporta.  
O Amor nunca falha... “*